

QUARTO DE DESPEJO: a leitura como ato propiciador de experiência.Laura Bezerra Rodrigues¹Vera Lúcia de Magalhães Bambirra²**RESUMO**

Conscientes de que a leitura está intrínseca ao homem e que as palavras fazem parte da essência humana, o objetivo do presente artigo é realizar uma abordagem voltada para a leitura da obra *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada* (2014) da escritora Carolina Maria de Jesus, como ato propiciador de experiência. Esta usada, no texto em tela, com o sentido abordado pelo escritor, professor e pesquisador, Jorge Larrosa, em seu livro *Tremores – Escritos sobre experiência* (2022). O autor a define como tudo aquilo que passa, que toca e que transforma o ser, no entanto, na contemporaneidade, muitos fatores impossibilitam de vivenciar a experiência e de enxergar a leitura de um livro como ato propiciador dela. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa bibliográfica como método de abordagem, a partir da leitura atenta da produção literária *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, foi produzido um estudo comparativo com o livro *Tremores* do Jorge Larrosa. A partir disso, tornou-se possível compreender de modo mais aprimorado como o sentido da palavra "experiência" é compatível com o diário de Carolina. Também foi possível desvendar quem é o sujeito que, ao ler o livro, está disposto a transformá-lo em um ato propiciador de experiência e o que impede o ser de vivenciar a experiência na contemporaneidade.

Palavras-chave: leitura, experiência, livro.

DUMPING ROOM: reading as an act that provides experience.**ABSTRACT**

Aware that reading is intrinsic to man and that words are part of the human essence, the objective of this article is to carry out an approach focused on reading the work *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada* (2014) by the writer Carolina Maria de Jesus, as an act that provides experience. This is used, in the text in question, with the meaning addressed by the writer, teacher and researcher, Jorge Larrosa, in his book *Tremores – Escritos sobre experiência* (2022). The author defines it as everything that passes, that touches and that transforms the being, however, in contemporary times, many factors make it impossible to live the experience and to see the reading of a book as an act that provides it. In this sense, a bibliographical research was carried out as a method of approach, based on the careful reading of the literary production

¹ Graduação em Letras Português pela Universidade Federal do Acre (2023); mestranda no programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Federal do Acre; Cruzeiro do Sul – Acre; laura.rodriques@sou.ufac.br

² Graduação em Letras Vernáculo pela Universidade Federal do Acre (1992), mestrado em Letras- Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (2008) e doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2012); professora do ensino superior da Universidade Federal do Acre; Cruzeiro do Sul – Acre; vera.bambirra@ufac.br

Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, a comparative study was produced with the book Tremores by Jorge Larrosa. From this, it became possible to understand in a more refined way how the meaning of the word "experience" is compatible with Carolina's diary. It was also possible to discover who is the subject who, when reading the book, is willing to transform it into an act that provides experience and what prevents the being from living the experience in contemporary times.

Keywords: reading, experience, book.

INTRODUÇÃO

O ato de ler está intrínseco ao ser, de modo que lemos não somente as palavras, mas tudo o que nos rodeia, por exemplo, quando pegamos um livro em nossas mãos, fazemos uma leitura dele que vai desde a arte na sua capa até a última palavra da última linha do último parágrafo. Conscientes de que a leitura e as palavras constituem a essência humana, torna-se de fundamental importância compreender que ler não é somente um ato comunicativo. Por isso, o presente artigo tem por objetivo propor a leitura da obra *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada* (2014), da escritora Carolina Maria de Jesus como ato propiciador de experiência. Esta usada, no texto em tela, com o sentido e o conceito definidos pelo professor, pesquisador e filósofo, Jorge Larrosa, em seu livro *Tremores, escritos sobre experiência* (2022).

Para que o ato de ler se torne uma experiência, é necessário sentir o que o texto transmite, permitir que ele nos atravesse, assim como define, Larrosa: “A experiência é aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma” (Larrosa, 2022, p. 28). Atrelado a esse sentido, o livro *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*, da escritora Carolina Maria de Jesus, é, inconfundivelmente, uma experiência literária. Carolina, uma mulher negra, catadora de papel, que conseguiu chegar somente ao segundo ano do fundamental, expressava, de maneira única e poética, a amarga realidade de residir, àquela época, na primeira e maior favela de São Paulo, chamada Canindé, na rua A, barraco nº 9. O livro foi publicado na década de 1960 e logo ficou conhecido como uma descoberta para a literatura brasileira contemporânea.

Na fala do repórter Audálio Dantas, o responsável por organizar em livro os diários de Carolina e pela escrita do prefácio, conseguimos perceber o valor de seus escritos: “A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava

em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história - a visão de dentro da favela” (Dantas, 2014)³. Após a descoberta da escritora e a publicação dos seus escritos, a repercussão em torno do livro foi tanta que a favela do Canindé foi extinta e deu lugar à conhecida marginal Tietê. Além disso, foram criadas, com boas intenções, políticas públicas de desfavelamento, no entanto, tiveram pouca eficácia.

Diante disso, pode-se afirmar que em um mundo no qual o ensino é pautado na tecnicidade, no objetivo, no experimento científico, o ato de ensinar, que tem como base a experiência, é visto como o menos relevante, porque ela é “sempre de alguém, subjetiva, é sempre daqui e de agora, contextual, finita, provisória, sensível, mortal, de carne e osso, como a própria vida” (Larrosa, 2022, p. 40). Esse sentido nos faz questionar: será que a experiência é compatível com a literatura? De certo modo sim, pois, assim como na experiência, a ciência tenta encaixá-la em padrões e transformá-la em um produto da tecnologia, mas ela assume seu papel de ser de alguém, de ser subjetiva, contextual, sensível e finita. É por isso que, diante da narrativa que envolve *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, pensaremos sobre o sentido da palavra experiência, quem é o sujeito que, ao ler o livro, está disposto a transformá-lo em ato propiciador de experiência, bem como o que nos impede de vivenciar a experiência na contemporaneidade.

De acordo com Larrosa (2022), a palavra experiência pode ser definida como tudo aquilo que nos passa, que nos atravessa. Contudo, o autor, ao mesmo tempo que nos apresenta essa acepção, evidencia que ela pode ser quebrada e transformada em um novo sentido. O sujeito da experiência, aquele que está disposto a transformar o ato de ler em experiência, é aquele leitor que, como um lugar, recebe alguma coisa e lhe dá um espaço reservado, está disposto a receber, que tem interesse em receber e que aceita os efeitos causados por essa disposição. Por outro lado, quatro fatores nos impedem de vivenciarmos a experiência na contemporaneidade: o primeiro é o excesso de informação, o segundo é a demasia de opinião, o terceiro é a falta de tempo e o quarto é o excesso de trabalho. Abordaremos a seguir cada um dos elementos citados para que assim tenhamos a compreensão da leitura como ato propiciador de experiência.

³ A citação foi retirada do prefácio do livro *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*, que está nas referências do presente artigo.

2.0 O SENTIDO DA PALAVRA EXPERIÊNCIA

As palavras pertencem ao ser de maneira natural; o homem tem o anseio de nomear tudo aquilo que o rodeia. Os livros são frutos dessa capacidade de dar nome ao mundo. Podemos compará-los a uma partitura musical: cada nota, com seu timbre, altura e duração, compõe uma harmonia que se transforma conforme o olhar e a sensibilidade de quem a interpreta. Da mesma forma, as palavras que compõem um livro carregam seus próprios sentidos, mas, dependendo da vivência de cada sujeito, da ideologia em que acredita e do contexto em que está inserido, elas podem adquirir novas acepções. Como afirma Bakhtin, “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência... é o modo mais puro e sensível de relação social” (2010, p. 36). Assim, o sentido da palavra *experiência* é subjetivo, transitório, sensível e mortal, como afirma Larrosa (2022).

Embora o conceito de *experiência* se apresente, na contemporaneidade, de forma imprecisa e nebulosa, o autor da obra *Tremores* (2022) defende que tal noção pode ser, sim, delimitada conceitualmente — ao mesmo tempo em que pode ser atravessada e ressignificada. Para Larrosa, a experiência é tudo aquilo que nos acontece, que nos atravessa e nos transforma. De modo objetivo, ele afirma: “A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar); a experiência é, em primeiro lugar, um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (LARROSA, 2022, p. 26). Assim, carregando consigo a ideia de prova, a experiência exige ser vivida com interesse, entrega e disposição. É necessário compreender a profundidade de seu sentido para que ela possa, de fato, se materializar na vida do sujeito — especialmente, do sujeito leitor. Este, ao tomar consciência da densidade do termo, torna-se capaz de se debruçar sobre um livro como alguém que prova, que experimenta, e não como aquele que, de forma superficial, apenas percorre as entrelinhas do texto.

Para que o sentido da palavra seja ecoado sem nenhuma interferência e para que ela alcance um valor mais elevado, Jorge Larrosa (2022) nos dá seis precauções que devemos tomar para preservá-lo, a primeira consiste em separar claramente experiência de experimento, porque trata-se de não fazer dela uma coisa pronta e acabada, trata-se de não torná-la objetiva, homogênea, um produto, trata-se de não calculá-la; a segunda consiste em tirar dela todo o dogmatismo, toda a pretensão de autoridade, visto que ela acontece de maneira individual, ninguém deve aceitar, dogmaticamente, a experiência de outro, pois ninguém deve impor, autoritariamente, a própria experiência ao outro, justamente porque ela acontece no interior de

cada ser; a terceira, por sua vez, consiste em separa-la, claramente, da prática, pois trata-se de manter sempre na experiência esse princípio de receptividade, de abertura, de disponibilidade, que é o que faz com que, nela o sujeito descubra sua fragilidade, pois o sujeito passivo é um sujeito atento, assim, a passividade enxerga a experiência, diferente da prática.

A quarta precaução busca evitar fazer da experiência um conceito, pois em uma sociedade na qual tudo é muito rápido, muito objetivo, o leitor, principalmente o acadêmico, busca sempre por conceitos prontos, por isso, é necessário manter a experiência como uma palavra e não fazer dela um conceito, “porque os conceitos determinam o real e as palavras abrem o real” (Larrosa, 2022, p. 43). Já a quinta consiste em evitar fazer da experiência um fetiche ou um imperativo, em não a transformar em uma obrigação, como se tudo e qualquer coisa fosse, obrigatoriamente, uma experiência; é retirar a vontade de tratar as coisas sempre como uma experiência. Por fim, a sexta precaução objetiva fazer da palavra experiência uma palavra afiada, precisa, às vezes, difícil de se usar, justamente para evitar que tudo se transforme em experiência.

Se tomarmos as devidas precauções, a obra *Quarto de despejo* (2014) pode ser lida de maneira que se transforme em experiência, em primeiro lugar porque o livro da autora não é um experimento científico, ele não foi escrito com o objetivo de alcançar algum resultado material e específico; em segundo lugar, a autora não impõe a sua experiência ao leitor, ela a expõe, deixando livre para que o leitor decida se quer ou não vivenciar uma experiência a partir da leitura; em terceiro lugar, o livro é escrito sob a perspectiva da paixão, deixando a praticidade de lado. Nesse sentido, Carolina nos apresenta uma realidade que muitas vezes se assemelha àquela que é vivenciada pelo sujeito da experiência, que é um sujeito exposto, aberto e receptivo.

Quarto de Despejo é uma obra estruturada na forma de diário, com registros datados por dia e mês. Nesses fragmentos do cotidiano de uma mulher favelada, é possível identificar a aproximação entre Carolina e o sujeito da experiência descrito por Larrosa: alguém que, embora passivo ao receber o impacto da vivência, torna-se ativo ao ressignificá-la. Trata-se de um sujeito atravessado pela dor da transformação, profundamente tocado pelos acontecimentos. Essa similitude pode ser observada no seguinte trecho (De Jesus, 2014, p. 50):

Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula

no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) e preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela.

Nesta citação retirada do livro, é possível notar que a experiência ocorre no individual. No momento em que Caroline usa a imaginação para transformar sua dura realidade, ela está encontrando uma forma de lidar com sua experiência. Essa criação de um ambiente de fantasia é um mecanismo que ela utiliza para enfrentar e, de certa forma, transcender as dificuldades do dia a dia. Evidenciando que, na maioria das vezes, a experiência pode ser incômoda e não passa despercebida por aqueles que estão dispostos a enxergá-la. A obra de Carolina Maria de Jesus é um exemplo poderoso de como a escrita e a imaginação podem servir como ferramentas de resistência e sobrevivência. Através de suas palavras, ela constrói uma realidade alternativa que lhe permite suportar a dureza da vida na favela, esse ato de criação literária não só a ajuda a lidar com suas próprias experiências, mas também oferece ao leitor uma janela para compreender a complexidade e a profundidade da vida das pessoas que se encontram às margens da sociedade, permitindo que ele também transforme as palavras literárias em experiência.

A proximidade com a leitura também se configura como um ato de experiência para Carolina. É por meio dos livros, do contato com outras realidades e perspectivas, que ela encontra uma forma de resistência e esperança diante da precariedade de sua própria existência. Em uma de suas anotações, revela: “Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem” (De Jesus, 2014, p.21). Esse gesto aparentemente simples — o de ler antes de dormir — não se limita a uma rotina cotidiana. Para Carolina, o ato de leitura é um atravessamento; é aquilo que a toca, que a sustenta emocionalmente e que a transforma. Nesse sentido, aproxima-se do conceito de experiência proposto por Jorge Larrosa (2022), que a define como aquilo que nos acontece de forma profunda, que nos atravessa e nos modifica. A leitura, portanto, não é apenas um hábito: é um acontecimento que permite à autora reorganizar o mundo à sua volta, reinterpretá-lo e, sobretudo, resistir a ele. Diante do conceito de experiência, falaremos agora sobre o sujeito que experimenta. Quem é o sujeito da experiência?

2.1 O SUJEITO DA EXPERIÊNCIA

A experiência se passa sempre com alguém, ela é sempre para alguém, individual e não coletiva, pois muitas coisas nos acontecem, mas, poucas de fato permanecem em nossa essência, por isso, Larrosa também define quem é o sujeito da experiência. É muito comum que, após a leitura de um livro e passado algum tempo, esqueçamos o seu conteúdo, porém, o sujeito da experiência é aquele que está disposto a não esquecer. Segundo Larrosa (2022, p.25):

O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns efeitos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos...como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar.

Compreendido que o sujeito da experiência é aquele que, como um lugar, recebe alguma coisa e lhe dá um espaço reservado, para transformar a leitura em uma experiência, é preciso ser esse sujeito, que recebe, que está disposto a receber, que tem interesse em receber e que aceita os efeitos causados por essa disposição à experiência. Já o sujeito que não é o da experiência é aquele que se encontra dominado pela armadura da falta de disposição, ele impõe suas próprias opiniões e não está disposto a ser atravessado, é “incapaz de experiência aquele e quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (Larrosa, 2022, p. 26)

Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de despejo*, relata a realidade de uma parte do Brasil que pouco é vista, a realidade das favelas brasileiras, da fome e da desigualdade social, herança da colonização portuguesa. Por isso, para que a leitura desta obra se torne uma experiência e o leitor se transforme no sujeito que a vivencia, é preciso que, em primeiro lugar, ele tenha conhecimento do contexto histórico, o cenário político e socioeconômico em que a obra foi escrita, pois o sujeito da experiência é aquele que está disponível, disposto e aberto. Em segundo lugar, o leitor precisa estar puramente interessado e não colocar, antecipadamente, suas opiniões, pois o sujeito precisa ser passivo, de tal modo que, ao receber as confissões de Carolina, ele dê lugar para elas, ao invés de engendrar uma discussão com o texto. Em terceiro lugar, o leitor precisa se encarar como uma folha em branco, que, ao ler, permite que o livro deixe suas marcas, permite que aconteçam transformações com ele, começando a leitura do livro com um pensamento formulado e, ao terminá-lo, ele esteja transformado. Desse modo, após a experiência, por meio da transformação literária, ele deixa de ser um sujeito passivo-receptivo para se tornar um sujeito ativo.

Como foi dado a conhecer, a autora de *Quarto de despejo* (2014) registrava seu dia a dia em cadernos velhos, que lhe serviam de diários, onde ela desabafava sobre a fome, a constante luta para proporcionar uma qualidade de vida melhor para os seus filhos e o sonho de sair da favela. As palavras da autora descortinam como é difícil estar exposta às consequências da desigualdade social e, em alguns momentos, nos deparamos com cenas difíceis de serem lidas, realidades cruéis que estão escancaradas em (De Jesus, 2014, p.27):

Choveu, esfriou. E o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual — a fome.

O trecho extraído de *Quarto de Despejo* revela, com força emocional e linguagem direta, a materialidade da fome e da exclusão que marcam a vida de Carolina Maria de Jesus. Ao descrever a chegada do inverno, o aumento da necessidade alimentar e a ausência de recursos para alimentar os filhos, a autora não apenas narra uma cena de privações cotidianas, mas compartilha uma vivência que a atravessa profundamente. Quando afirma que, no dia 13 de maio de 1958 — data emblemática da abolição da escravidão —, lutava contra “a escravatura atual – a fome”, Carolina ressignifica a experiência histórica, ligando passado e presente em um mesmo ciclo de opressão. A fome, mais do que um dado social, torna-se uma vivência incorporada, e a escrita de Carolina, uma tentativa de dar sentido à dor, de resistir por meio da palavra. Nesse gesto, a autora se coloca como sujeito da experiência: não apenas alguém que sofre, mas alguém que elabora, pensa e transforma aquilo que a atravessa.

Para seguir firmemente com a leitura, é necessário, antes, saber pausar: respirar, processar o que foi lido e, só então, continuar. Isso porque, como afirma Larrosa (2022), o sujeito da experiência não é indiferente às emoções. Ele não está sempre erguido, forte ou seguro de si, ao contrário, é alguém que se deixa afetar, que sofre, que se abala. É um sujeito derrubado, padecente, que compartilha da dor de Carolina, enquanto ela enfrenta a escravidão moderna: a fome. Em termos metafóricos, o sujeito da experiência é aquele que se dispõe a derrubar os muros que cercam sua consciência e o afastam das emoções, permitindo-se, assim, ser tocado, transformado e mobilizado pelo que lê.

Para compreender a essência do sujeito que vive a experiência, é necessário reconhecer que, ao longo da contemporaneidade, diversas noções fundamentais foram sendo relegadas ao segundo plano, entre elas, a própria *experiência*. Conforme aponta Larrosa (2022), essa noção foi obscurecida por diversos fatores. O primeiro deles é o excesso de informação: o indivíduo moderno está imerso em uma busca incessante por saberes acumulativos, confundindo quantidade de dados com conhecimento real. Em segundo lugar, há a supervalorização da opinião. No mundo atual, predomina o imperativo de opinar sobre tudo, e o sujeito, manipulado por esse discurso opinativo e pelo fluxo contínuo de informações, perde a capacidade de acolher experiências significativas. O terceiro fator é a falta de tempo: a velocidade com que os acontecimentos se sucedem e a obsessão pelo novo reduzem a memória e tornam o sujeito incapaz de elaborar o vivido. Por fim, o excesso de trabalho também compromete o contato profundo com a experiência. O indivíduo contemporâneo está constantemente mobilizado, atravessado pelo desejo de mudar, transformar e produzir — mas sem pausa, nada verdadeiramente lhe acontece. Diante desse cenário, o sujeito da experiência, segundo Larrosa, é justamente aquele que resiste a esses imperativos: alguém que se permite parar, refletir, sentir e ser tocado.

2.2 A EXPERIÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

O sentido da palavra experiência, definida por Larrosa (2022) como tudo aquilo que nos passa, que nos acontece e que nos transforma, ao longo dos anos, foi sombreado por diversos fatores, o primeiro deles seria pelo excesso de informação, em um século no qual o acesso à informação está cada vez mais recorrente, o sujeito tem a necessidade de estar informado, fazendo com que se confunda informação com conhecimento. O segundo fator que leva à escassez da experiência é a demasia de opinião, o sujeito se afasta da experiência, quando ele tem a necessidade de opinar sobre tudo e qualquer coisa, mesmo não possuindo o conhecimento necessário para opinar. O terceiro fator é a falta de tempo, que torna os indivíduos incapazes de parar e aproveitar a experiência. O quarto e último fator é o excesso de trabalho, pois o indivíduo moderno tem a necessidade de estar sempre mobilizado e em atividade, sempre ocupado e com o desejo de mudar as coisas. Tudo isso impede que o sujeito contemporâneo experiencie, por isso, tentaremos compreender, detalhadamente, esses quatro fatores e a maneira como eles nos

impedem de transformar a leitura da obra *Quarto de Despejo* em instrumento propiciador de experiência.

Diante do excesso de dados, é evidente que vivemos na era da superinformação, em que a tecnologia tem contribuído para a dispersão descontrolada de conteúdos. O sujeito contemporâneo, munido de dispositivos tecnológicos, sente-se compelido a estar constantemente atualizado — para ele, quanto mais informação, mais sabedoria. No entanto, ao transformar, de forma equivocada, os sentidos das palavras informação e conhecimento em sinônimos, esse sujeito impede que algo realmente lhe aconteça, lhe toque ou o transforme. Isso porque informação não se confunde com conhecimento. Como afirma Larrosa (2022), nem todo sujeito informado é um sujeito sábio. A informação é o oposto da experiência, o excesso dela obscurece nosso olhar, por exemplo, a respeito da obra *Quarto de Despejo*, uma pessoa, que antes de realizar a sua leitura, busca resenhas críticas a fim de obter informações sobre ela, pode supor que está informado sobre o conteúdo dela e, antecipadamente, decidir que não lerá o referido livro, baseado em uma informação que outra pessoa produziu. Por esse exemplo claro, o excesso de informação nos impede de ter experiência, justamente porque acreditamos que somos superinformados e capazes de opinar sobre um assunto o qual não temos conhecimento, isso nos leva ao segundo fator.

Do excesso de opinião, o sujeito da modernidade é um sujeito superinformado que, para além disso, é empanturrado de opinião. Ele tem a necessidade de ter uma opinião formada sobre tudo, principalmente, sobre as coisas que ele supõe ser informado, pois “A opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo” (Larrosa, 2022, p. 20). Como um imperativo, se alguém não opina, se alguém não tem uma posição própria sobre o que acontece, é como se lhe faltasse algo, o sujeito sente-se deslocado, as uniões da informação com a opinião formam o par ideal, capaz de assolar a experiência. Seguindo o raciocínio do exemplo anterior, o sujeito leu algumas informações sobre a obra de Carolina, esse pequeno aparato de noções, segundo o sujeito moderno, é suficiente para que formule uma opinião sem antes ter um contato com a totalidade da obra, é como se construísse uma barreira, a barreira da opinião, que o impede de transformar *Quarto de despejo* em uma experiência literária.

Da falta de tempo, a experiência é cada vez mais rara porque falta ao sujeito contemporâneo a organização de seu tempo, ele está sempre correndo, sempre fazendo algo, sempre ocupado, de modo que altera sua percepção do tempo, dando a impressão de que ele

passa de modo mais rápido. Assim, o sujeito sempre está sem tempo. Diante dessa percepção de tempo alterada, os acontecimentos do nosso dia a dia são dados como em forma de choque, acontece velozmente, para dar espaço a novos acontecimentos e, assim, nada efetivamente permanece, nada nos acontece e nada nos transforma. Cada fator está indiretamente ligado, por isso aprofundaremos o exemplo já usado, aquele suposto sujeito da contemporaneidade que é informado e que, para além disso, opina, cria uma barreira que o impede de ter uma experiência, tendo sua suposta opinião formada sobre o livro e, nesse contexto, a falta de tempo entra em cena como algo que dificulta a experiência. Ele supostamente trabalha e estuda, como a maioria dos brasileiros, entretanto, possuindo outras prioridades, ele não enxerga como possibilidade de experiência a leitura do *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, mantendo-se sempre ocupado, afirma não ter tempo, prefere ler um resumo, e dar-se por satisfeito. Portanto, no decurso de tentar diminuir os afazeres para ter mais tempo, acaba fazendo tudo mais rápido, não para e, logo, nada lhe acontece.

Do excesso de trabalho, muito se confunde experiência com trabalho, pois “Existe um clichê segundo o qual nos livros e nos centros de ensino se aprende a teoria, o saber que vem dos livros e das palavras e no trabalho se adquire a experiência, o saber que vem do fazer ou da prática” (Larrosa, 2022, p. 23). Essa confusão permite ao sujeito achar que é dotado de experiência porque trabalhou em diversos locais, porque realizou diversos trabalhos, porque estava em movimento. O sujeito moderno está sempre em ação, em busca de alcançar seus objetivos, por isso, ele está em atividade, ininterruptamente. Quando se fala em trabalho, não é, necessariamente, só aquele que provê uma renda, mas, a qualquer um que exija a plena atenção do leitor. No século atual, temos dificuldade em parar, queremos estar sempre ativos, porque é por essa atividade ou inatividade que nossos valores são medidos. Diante disso, o excesso de trabalho afasta o sujeito da experiência, posto que um sujeito ativo é incapaz de parar e observar, viver com calma as situações do seu dia, afinal, a experiência é para aqueles que param, observam e se permitem.

Desse modo, esses quatro fatores nos impedem de vivenciar uma experiência na contemporaneidade, eles também nos impedem de tornar o ato de ler em uma experiência. *Quarto de despejo* exige de nós dedicação plena, atenção para aprofundar-se nos escritos de Carolina e padecer junto com ela; mas, para que isso aconteça, é preciso, tentar, ao máximo, abrir mão do excesso de informação, do excesso de opinião, da falta de tempo e do excesso de trabalho. Um estudo realizado pela Nielsen BookData e encomendado pela Câmara Brasileira

do Livro (CBL), revelou que, de novembro de 2022 a novembro de 2023, 84% da população brasileira, acima de 18 anos, não adquiriu nenhum livro, isso nos mostra que, no século atual, no país em que vivemos, a leitura tem sido cada vez mais escassa, evidenciando que o sujeito está apegado às coisas que não demandam muito tempo. Por isso, torna-se importante esta reflexão, pois ler também é uma experiência e a leitura do livro *Quarto de Despejo* torna-se ainda mais interessante quando tomamos consciência dessa afirmação, quando reparamos no poder transformador das palavras.

Nas muitas camadas de *Quarto de Despejo*, nota-se que Carolina também é refém desses elementos que nos impedem de viver a experiência. Vejamos, no trecho a seguir (De Jesus, 2014, p. 35):

“Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. Sobrou macarrão, eu vou esquentar para os meninos. Cosinhei as batatas, eles comeram. Tem uns metais e um pouco de ferro que eu vou vender no Seu Manuel. Quando o João chegou da escola eu mandei ele vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de agua mineral, 2 cruzeiros. Zanguei com ele. Onde já se viu favelado com estas finezas?... Eu sei que existe brasileiros aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu. Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social. Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins. Para não ver os meus filhos passar fome fui pedir auxilio ao propalado Serviço Social. Foi lá que eu vi as lagrimas deslizar dos olhos dos pobres. Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres. A unica coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres.”

O trecho evidencia, de forma contundente, como a experiência pode emergir mesmo em contextos de extrema adversidade, desafiando os fatores que, segundo Jorge Larrosa (2022), impedem o sujeito contemporâneo de vivenciá-la. Carolina Maria de Jesus, ao narrar seu esgotamento emocional, a frustração diante da chuva que a impede de trabalhar, o cuidado com os filhos e a humilhação enfrentada no Serviço Social, não apenas registra os acontecimentos — ela os transforma em matéria sensível e reflexiva. Ao contrário do sujeito tomado pelo excesso de informação, Carolina lida com a escassez, mas a sua escrita revela uma consciência profunda do mundo à sua volta. Também se distancia do imperativo da opinião, pois não busca emitir juízos rápidos ou se posicionar superficialmente: ela observa, sente e traduz em palavras o que a atravessa. Em meio à pressa e à falta de tempo que marcam o cotidiano moderno, sua escrita exige pausa, elaboração, ritmo próprio, um exercício de desaceleração. Por fim, mesmo diante do excesso de trabalho e da fadiga, Carolina encontra espaço para escrever, revelando que, apesar do corpo cansado, sua subjetividade continua ativa e sensível.

3.0 O ENCONTRO FINAL

Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, e *Tremores: Escritos sobre experiência* de Jorge Larrosa, são duas obras que, embora distintas em seus contextos e propósitos, compartilham uma característica fundamental: ambas são profundamente enraizadas na experiência humana. A conexão entre essas duas obras reside na maneira como elas abordam a experiência. No caso de *Quarto de Despejo*, a experiência é vivida e registrada por Carolina, uma mulher negra, pobre, mãe solo e moradora da antiga favela do Canindé, suas palavras capturam a dura realidade de sua vida, o constante esforço para manter a família alimentada e a desordem de uma sociedade capitalista. Em *Tremores*, Larrosa (2022) argumenta que a experiência não pode ser reduzida a um simples conceito, mas deve manter-se na infinidade de uma palavra, seu sentido não é imperativo, pois ela é algo que pertence aos próprios fundamentos da vida, e, assim como a própria vida, pode ser inconstante, é como um tremor, que passa por nós e deixa marcas, nos transforma. Esta perspectiva ressoa fortemente no trabalho da escritora de *Quarto de Despejo*, cujas experiências diárias são marcadas por tremores, quebras e desfalecimentos. Portanto, *Quarto de Despejo* pode ser considerado uma experiência no sentido larrosiano do termo. É um testemunho de vida, marcada por dificuldades e desafios, mas, também, por resistência e resiliência. As palavras de Carolina Maria de Jesus, assim como as de Larrosa, nos convidam a refletir sobre a natureza da experiência e o papel que ela desempenha em nossas vidas.

As duas obras estão conectadas, de modo que uma muda nossa percepção sobre a outra. Diante disso, os escritos de Larrosa (2022) nos incentivam a enxergar os escritos de Carolina sob um novo olhar, o olhar da experiência, da mesma forma que, ao lermos os escritos de Larrosa, nos recordamos da obra de Carolina Maria de Jesus e a maneira como sua experiência impacta na vida do leitor. A fim de finalizarmos, reforçamos que, para fazer desta obra uma experiência, é de fundamental importância que, primeiro, compreendamos o sentido dessa palavra, que está atrelado às coisas que nos passam, que nos tocam e que nos transformam. Que saibamos as características do sujeito da experiência, que é aquele que está aberto, atento e é, acima de tudo, passivo. Por fim, que saibamos identificar os fatores da contemporaneidade que nos impedem de ter uma experiência: o excesso de informação, o excesso de opinião, a falta de tempo e o excesso de trabalho.

A reflexão, realizada ao longo do presente artigo, confirma que os estudos acerca de uma obra literária podem assumir uma nova roupagem, a da experiência, comprovando que não existe somente uma forma de analisar um livro. A tecnicidade, o objetivo e a ciência são essenciais para a produção do conhecimento, mas a experiência traz a humanidade que, na maioria das vezes, é deixada de lado, por isso, é necessário evidenciar a importância de alinhar os conhecimentos de um livro sob a perspectiva da experiência. Assim, finalizamos propondo a leitura de *Quarto de Despejo – diário de uma favelada* como ato propiciador de experiência, experiência segundo o conceito de Larossa em seu livro *Tremores: escritos sobre experiência*.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14^o ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. 10^a ed. São Paulo: Ática, 2014.

LAROSSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1^a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

84% DA POPULAÇÃO adulta do Brasil não comprou nenhum livro no último ano, aponta pesquisa. **G1**. 07 de dez. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2023/12/07/84percent-da-populacao-adulta-do-brasil-nao-comprou-nenhum-livro-no-ultimo-ano-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 25 de jan. de 2024.